Regra de ouro n.5: *Cultive o segredo*. Não revele suas receitas, *a fortiori* se forem disfarces grosseiros. É o melhor meio de mascarar que você não inventou nada. Esconda suas fontes, isso impedirá de ver que elas não são dignas de crédito. Evite as perguntas embaraçosas. Se necessário, não hesite em acusar os curiosos de opor-se à marcha do progresso. Mesmo que não seja verdade, sempre compensa.

Regra de ouro n.6: *Encontre seu público*. Uma impostura sem público é uma flor que fenece num vaso sem água. Se o seu nicho for bom, em algum lugar haverá forçosamente pessoas prontas para escutá-lo. Mas ainda é preciso chegar a elas. Escolha uma tribuna. Constitua um auditório. Faça conferências. Escreva livros. Abra um *site* na internet. Sirva-se da mídia. Escreva para os jornais. Apareça na televisão. Seja seqüestrado ao vivo pelos marcianos (mas antes negocie sua libertação).

Regra de ouro n.7: *Não desista nunca*. De todas as qualidades do impostor, a tenacidade é talvez a mais importante. Mesmo vencido, mesmo derrotado por nocaute, mesmo acusado de má-fé, de mentira, de fraude, de ter estrangulado sua sogra e tê-la jogado às piranhas (afinal, nem sempre a piranha é confiável[9]), não largue do seu pedaço.

O nicho de seus sonhos é aquele em que as sete regras de ouro são postas em prática. Essa situação ideal é quase impossível de realizar, mas a judiciosa aplicação de duas ou três regras, ou até mesmo de uma só, pode dar excelentes resultados (afinal, é melhor bater à máquina com um dedo só do que sem dedo nenhum). Na seqüência desta lição, iremos dissecar alguns exemplos para nos familiarizarmos com a estratégia do nicho.

9 Suprimam os leitores piscícolas! É por causa desses jogos de palavras – que nem mesmo San-Antonio seria capaz de cometer – que esta obra jamais obterá o Grande Prêmio dos Leitores da Academia Francesa. [O autor se refere aqui ao personagem de Frédéric Darie, famoso por seus trocadilhos infames. (N. T.)]

Sir Cyril Burt e o QI

De onde vem a inteligência? Ela é hereditária? Podemos medi-la? Eis aí o exemplo típico da Verdadeira Pergunta insolúvel. É preciso entrar em acordo desde já sobre o que é a inteligência. Desafio você a encontrar duas pessoas que dêem a mesma definição de inteligência. Quanto a medir uma variável tão inapreensível, faz pensar numa anedota que se contava na ex-União Soviética: "O que é a perspectiva? É procurar um gato preto num buraco preto onde não há nenhum gato preto, e dizer que o encontrou".

Como todas as perguntas verdadeiras, essa da inteligência produziu uma pseudo-resposta: o quociente intelectual, ou QI, inventado por Alfred Binet no começo do século XIX. No início, Binet tinha construído sua escala, com Théodore Simon, com a intenção de detectar as crianças retardadas ou que apresentavam problemas cognitivos, a fim de propor-lhes um ensino adaptado às suas necessidades. Mas esse louvável objetivo foi rapidamente subvertido. De um instrumento destinado ao contexto da escola, quiseram fazer um instrumento de medida da inteligência geral. Entretanto, a maioria dos psicólogos concorda em reconhecer que o QI só mede um aspecto muito restrito da inteligência. Mais grave que isso, uma corrente conservadora anglo-saxônica simplesmente desviou o QI de sua função para fazer dele uma arma de seleção social a serviço das classes dominantes e, nos Estados Unidos, do racismo contra os negros.

Num livro excelente que fará seu QI subir mais vinte pontos,[10] Richard Lewontin, Steven Rose e Leon Kamin mostram como o projeto de Binet foi desnaturado pelos eugenistas anglo-saxões. Essa corrente remonta ao fim do século XIX. Pode-se

10 Richard C. Lewontin, Steven Rose, Leon J. Kamin, *Nous ne sommes pas programmés*, traduzido do inglês por Marcel Blanc, Robert Forest e Joëlle Ayats, Paris: La Découverte, 1985.

atribuir sua paternidade a Francis Galton, um dos primeiros a afirmar que o talento e as qualidades intelectuais eram transmitidos por hereditariedade. Nos Estados Unidos, galtonianos como Lewis Terman e Henry Goddard introduziram os testes de QI, mas numa óptica totalmente oposta à de Binet. Para eles, as aptidões eram fixadas de uma vez por todas ao nascer. Não era então o caso de procurar ajudar as crianças com fracasso escolar. O QI tornava-se a escala de medida de uma classificação hierárquica do mundo.

Na Inglaterra, a introdução do teste de Binet "foi obra principalmente de Cyril Burt, um psicólogo cujos laços com o eugenismo eram ainda mais fortes que os de seus colegas de além-Atlântico", segundo Lewontin, Rose e Kamin. "O pai de Burt era médico e foi levado a tratar de Galton; este último, por suas recomendações, fez muito para ajudar Burt a ser nomeado o primeiro psicólogo escolar do mundo de língua inglesa."

Burt representava a inteligência como um recipiente cuja capacidade tinha sido fixada de uma vez por todas: "É impossível que um pote de um litro possa conter mais de um litro de leite; e da mesma maneira é impossível que o nível de instrução de uma criança possa ultrapassar o que lhe é permitido por sua capacidade de instruir-se", escreveu ele.[11]

Para demonstrar a hereditariedade da inteligência, Burt recorreu a um método astucioso: estudou pares de gêmeos verdadeiros que, por uma razão ou outra, foram separados no início da vida e criados em famílias diferentes. Os gêmeos verdadeiros têm exatamente os mesmos genes e, portanto, em princípio, as mesmas capacidades inatas. Mas, em geral, crescem juntos, de modo que é muito difícil separar o que eles devem à hereditariedade das influências de seu meio. Os gêmeos separados ofereciam a Burt uma situação em que o inato se dissociava do adquirido,

11 Citado em Richard C. Lewontin et al., op. cit.

já que, começando "em igualdade", eles evoluíam em meios diferentes. Se, pensava Burt, eles conservavam QIs próximos um do outro depois da separação, é porque suas educações diferentes não tinham tido influência sobre suas qualidades intelectuais. Dito de outro modo, a inteligência, nessa hipótese, não dependia do meio, mas somente da herança genética.

De 1943 a 1966, Burt produziu, numa longa série de publicações, estatísticas referentes sucessivamente a 15, 21, 30 e finalmente 53 pares de gêmeos verdadeiros separados. A cada vez, ele encontrava uma correlação muito forte entre os QIs dos gêmeos, demonstrando que a diferença de meio não tinha influído sobre suas capacidades iniciais. Essa descoberta sensacional valeu ao seu autor uma notoriedade considerável. Quando morreu, em 1971, elevado à dignidade de *Sir*, Burt era considerado um grande mestre da psicologia britânica. Hans Eysenck, outro eminente representante da corrente galtoniana, fez o elogio do trabalho de Burt, salientando a "qualidade superior de seus estudos no que concerne à concepção e ao tratamento estatístico dos dados".

Qualquer estatístico competente poderia demonstrar o contrário. Os cálculos de Burt continham uma anomalia. Em todos os seus artigos, o coeficiente de correlação entre os QIs permanecia o mesmo com a diferença de três decimais, ao passo que o número de pares aumentava. Ora, um coeficiente de correlação se calcula a partir dos dados precisos da amostra estudada. Se esta última for modificada, por pouco que seja, o valor do coeficiente não pode permanecer idêntico, mesmo que a tendência observada esteja inalterada. Que Burt tenha encontrado um coeficiente de correlação constante com a diferença de três decimais constituía, portanto, uma coincidência numérica mais do que improvável.

Em 1976, um jornalista curioso, Oliver Gillie, correspondente científico do *Sunday Times* de Londres, fez uma descoberta ainda mais estranha. Os pares de gêmeos verdadeiros sepa-

rados são uma mercadoria rara. Encontrá-los e medir seu QI não é tarefa fácil. Então Burt contratou, para secundá-lo, duas colaboradoras, *Miss* Conway e *Miss* Howard. Elas supostamente tinham escrito artigos num jornal de psicologia editado por Burt, tinham aplicado testes de QI em gêmeos e efetuado a análise de inúmeros dados publicados por *Sir* Cyril. Gillie foi incapaz de encontrar pistas dessas duas preciosas colaboradoras!

"Os mais próximos associados de Burt jamais as tinham visto e elas lhes eram totalmente desconhecidas", relatam Lewontin e seus co-autores.[12] "A governanta de Burt perguntou-lhe uma vez quem eram essas pessoas; Burt lhe respondeu que elas tinham emigrado para a Nova Zelândia ou para a Austrália; mas era numa época anterior, segundo a cronologia dos artigos de Burt, no período em que elas deveriam aplicar testes nos gêmeos na Inglaterra. A secretária de Burt indicou que tinha às vezes escrito artigos assinados após a publicação com o nome de Conway ou Howard. Esses fatos levaram Gillie a sugerir, num artigo publicado na primeira página do *Sunday Times* em 1976, que Conway e Howard talvez jamais tivessem existido." Eram, no sentido próprio, criaturas de Burt.

A prova definitiva da fraude foi apresentada pelo biógrafo de Burt, Leslie Hearnshaw. Fervoroso admirador de *Sir* Cyril, Hearnshaw foi encarregado pela irmã de Burt de escrever a vida do grande homem. Ela lhe entregou um diário íntimo que continha a confissão escrita da trapaça. Burt contava como tinha passado uma semana de janeiro de 1969 a "calcular" os dados originais sobre os 53 pares de gêmeos, que um psicólogo de Harvard, Christopher Jencks, lhe tinha pedido. Esses dados tinham supostamente servido de base para o artigo que Burt havia publicado três anos antes... *Sir* Cyril os tinha inventado de alto a baixo! Na verdade, só os quinze primeiros pares de gêmeos existiam realmente.

12 Ibidem.

Por que Cyril Burt trapaceou, em desprezo não apenas às regras científicas, mas à honestidade mais elementar? "Um primeiro elemento de resposta é que ele certamente estava *intimamente* convencido de que sua hipótese... era exata", escrevem Marcel Blanc, Georges Chapouthier e Antoine Danchin em *La Recherche*.[13] "Ora, segundo muitas testemunhas, ele era de natureza um tanto paranóica. Foi sem dúvida esse traço patológico que o levou a fazer passar sua convicção pessoal na frente da objetividade científica... No final das contas, as fraudes de Burt se explicam porque ele sem dúvida preferiu trapacear a ver seus adversários triunfar."

Não se trata, portanto, somente do funcionamento paranóico de Burt, mas também de seu engajamento a serviço de uma poderosa corrente ideológica. Essa implicação ideológica explica o fato de que ninguém ousou tocar nos trabalhos de Burt até muitos anos após sua morte. A anomalia dos coeficientes de correlação deveria imediatamente saltar aos olhos dos colegas de Burt. Redigindo uma resenha da biografia de Hearnshaw para o *British Journal of Psychology*, N. J. Mackintosh escreveu:

> Deixando de lado a questão da fraude, o fato crucial é que não há necessidade de examinar a correspondência ou os diários íntimos de Burt para perceber que seus dados não são cientificamente aceitáveis. Isso pode ser constatado nos próprios dados. Era absolutamente evidente nos seus artigos de 1961. Já era perceptível, para quem sabia abrir os olhos, nos seus artigos de 1958. Mas ninguém prestou atenção nisso até que Kamin, em 1972, descobre pela primeira vez a maneira totalmente irregular que Burt usava para relatar seus dados e a invariância incrível de seus coeficientes de correlação.[14]

13 Marcel Blanc, Georges Chapouthier e Antoine Danchin, "Les fraudes scientifiques", *La Recherche*, n.113, julho-agosto de 1980.

14 Citado em Richard C. Lewontin et al., op. cit.

E Mackintosh conclui: "É uma triste crítica que se deve fazer à comunidade científica por ter deixado que 'números indignos da atenção científica' se encontrassem em quase todos os manuais elementares de psicologia".

Mesmo que os números estivessem corretos, deduzir daí que a hereditariedade da inteligência estava demonstrada por acaso não é tirar uma conclusão muito forte de resultados referentes a uns cinqüenta pares de gêmeos? A verdade é que os eugenistas galtonianos não estavam nem um pouco preocupados com provas. O nicho inexpugnável de Burt residia nesse domínio do preconceito ideológico sobre a psicologia britânica, que proibia toda verdadeira discussão científica. A tese da inteligência inata constitui a pedra de toque do sofisma maior da filosofia liberal conservadora: 1) os ricos devem sua fortuna ao seu talento; 2) os filhos dos ricos herdam não somente a fortuna de seus pais, mas sua inteligência; 3) essas crianças bem-dotadas são forçosamente mais bem-sucedidas que os pobres débeis. Conclusão: os ricos continuam ricos, os pobres continuam pobres, e tudo vai bem no melhor dos mundos. Como se diz nos Estados Unidos: é melhor ser jovem, branco e rico do que velho, Black e Decker.[15]

Notemos que Burt aplica com virtuosismo as regras de ouro do nicho: partindo do filão inesgotável da origem da inteligência (regra de ouro n.1), ele anuncia uma descoberta revolucionária (regra de ouro n.2), mas esta só serve para demonstrar um preconceito antigo e corrente, a hereditariedade da inteligência (regra de ouro n.3); ele não traz nenhum elemento científico novo (regra de ouro n.4), mas dissimula cuidadosamente os processos pouco corretos que lhe permitiram obter seus resultados (regra de ouro n.5); ele tem um público já formado, a corrente conservadora da psicologia britânica (regra de ouro

15 Ok, suprimam também os leitores negros...

n.6); enfim, com uma tenacidade implacável, ele mantém sem cessar seus resultados fictícios durante mais de vinte anos, e morre sem ter sido acusado de fraude (regra de ouro n.7). Quase um imaculado. Ah! Se não houvesse aquele maldito diário íntimo e aquelas amaldiçoadas estatísticas... *Nobody is perfect*.

A curva do sino de Murray e Herrnstein

O leitor otimista irá supor que, uma vez enfim reconhecida a fraude de Burt, a psicologia anglo-saxônica virou as costas para o sistema de pensamento que a havia engendrado. É dar mostras de uma bela confiança na inteligência humana! Não apenas a estátua de *Sir* Cyril jamais foi definitivamente derrubada de seu pedestal, como suas idéias continuam a produzir êmulos além-Atlântico, a despeito das abundantes provas de sua falsidade. Sem retraçar a longa história do eugenismo segregacionista nos Estados Unidos, lembremos que esse país na vanguarda do progresso e da democracia recorreu à esterilização forçada de milhares de pessoas consideradas insuficientemente inteligentes para serem autorizadas a se reproduzir. As leis sobre a esterilização, reconhecidas como constitucionais pela Corte Suprema em 1927, permaneceram em vigor até 1972. Nessa época, William Shockley, Prêmio Nobel de Física pela invenção do transistor (com John Bardeen e Walter Brattain), lançou uma campanha abertamente eugenista, propondo pagar as pessoas de QI baixo para que elas se deixassem esterilizar! Poderíamos pensar que Shockley pecava sobretudo por ignorância, sendo físico e não especialista de QI, mas sua campanha foi ativamente defendida pelo célebre psicólogo Arthur Jansen, convencido também da inferioridade genética dos negros, e mais geralmente do caráter inato e irremediável das diferenças de aptidão. O auge foi atingido com a criação, na